

DILEA FRATE

(QUEM CONTOU?)

Crianças estranhas, bichos sensíveis
e cachorros problemáticos

Ilustrações de

LAERTE



Copyright do texto © 2013 by Dilea Frate
Copyright das ilustrações © 2013 by Laerte

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Preparação
Andressa Bezerra Corrêa

Revisão
Viviane T. Mendes
Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Frate, Dilea
(Quem contou?): crianças estranhas, bichos sensíveis
e cachorros problemáticos / Dilea Frate ; ilustrações de
Laerte. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas,
2014.

ISBN 978-85-7406-602-8

1. Literatura infantojuvenil I. Laerte. II. Título.

13-08500

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2014

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

“Era uma vez lugar nenhum, onde as pessoas não tinham nome, endereço, documento ou ocupação. Elas cultivavam a arte de não fazer nada e, quando faziam alguma coisa, também não adiantava, porque o resultado era completamente inútil. Andavam de um lado para o outro, apressadas, para não correrem o perigo de ficarem paradas e acabarem pensando em alguma coisa. Esse lugar era no meio do nada, era impossível chegar lá. Não existiam placas nem avisos. Quem entrava não saía, quem saía não voltava.

A situação permaneceu assim até aparecerem as palavras.

Quando elas chegaram, começou uma troca interessante entre seres diferentes: pessoas, cachorros, gatos e outros bichos passaram a falar de igual pra igual.

Ah, a música das palavras! O lugar então ganhou forma e cor; e os seus habitantes, personalidade e ação. O nada virou tudo, com as suas infinitas possibilidades, e os seres, que nunca tinham parado para se olhar ou falar — porque não tinham para quem contar —, agora observavam, conversavam, opinavam e tiravam conclusões a respeito.”

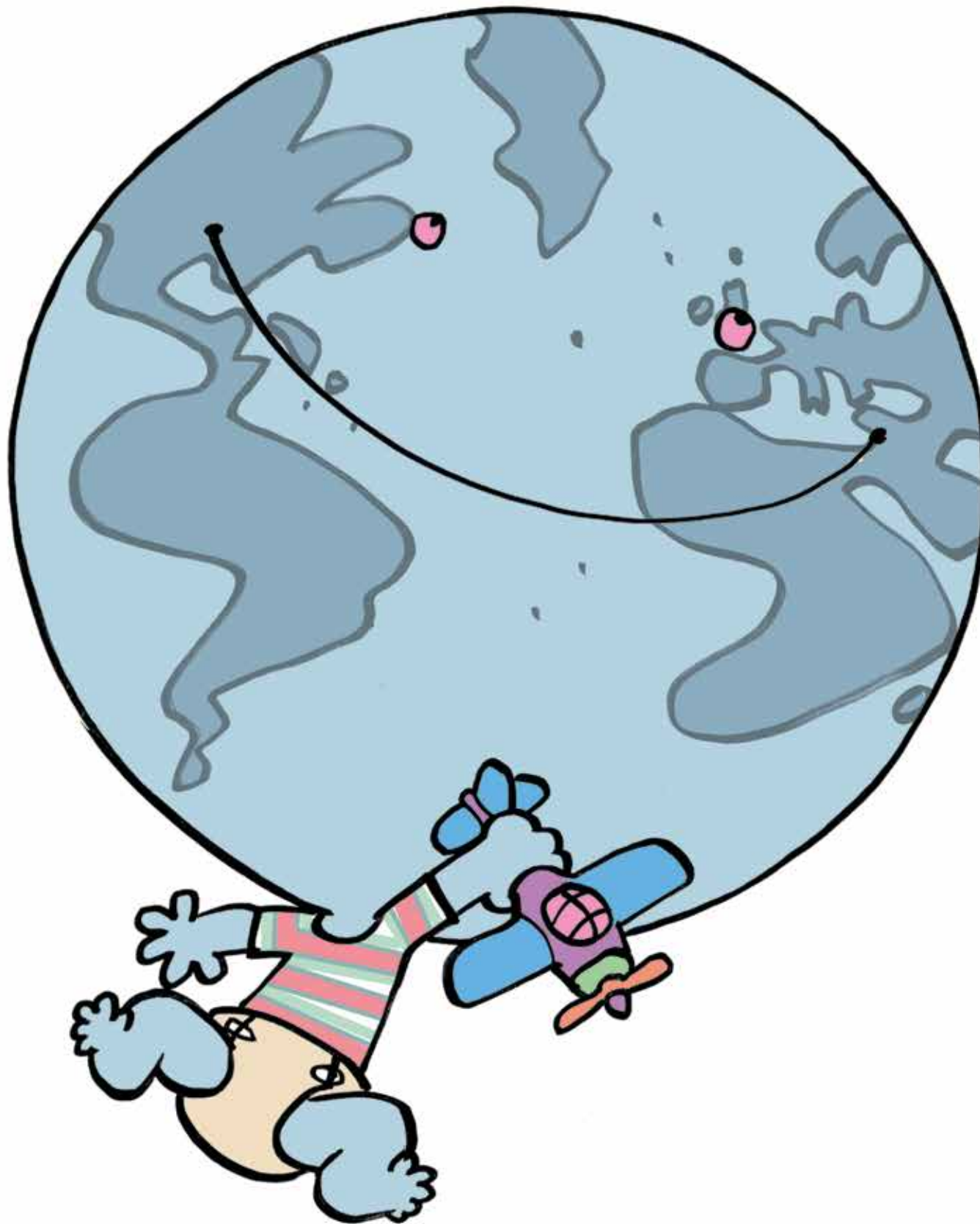
Esta poderia ser a história do mundo das fábulas, onde o absurdo usa a palavra para trocar de lugar com a realidade, sem querer acabar com ela.

Esta pode ser a história de *(Quem contou?)*, com situações absurdas colhidas de personagens reais ou saídas do fundo da imaginação, que usa o sonho e a fantasia para tentar entender uma realidade que muitas vezes não faz o menor sentido.

O que importa é a história que se conta e seus personagens. E quem contou só tem importância se existir alguém para quem contar. Por isso,

Obrigada, caros leitores!

Dilea Frate



O SORRISO DE LUCA

Luca era um bebê especial: mãe espanhola, avô francês, pai brasileiro, avó italiana. Ainda não sabia falar e, quando chorava “bué, bué”, não tinha nenhum sotaque. Seria Luca francês, espanhol, italiano ou brasileiro?

O bebê sorria muito. E qual seria a nacionalidade do sorriso de Luca?

— Italiano — dizia a avó. — *Mio bambino!* — emendava.

— Francês — protestava o avô. — *Mon petit garçon!* — completava.

A mãe não tinha dúvidas:

— ¡*Mira, es español!*

E o pai concluía:

— Simpático assim, só pode ser brasileiro!

Como tinha nascido no Brasil, o bebê — que ainda não falava, mas já entendia — era obrigado a concordar com o pai, sempre com um sorriso nos lábios.

Por causa dessa alegria, Luca — italiano, espanhol, francês e brasileiro — aprendeu a sorrir em várias línguas. E foi muito além da sua família: sorria em árabe, em chinês e até em japonês. E, às vezes, mas só às vezes mesmo, chorava. Mas aí não tinha nacionalidade: era só um bebê igual a todos os outros do mundo.

(QUEM CONTOU FOI UM PASSAGEIRO DO AVIÃO
EM QUE LUCA VIAJOU COM A MÃE, O PAI E O IRMÃO.)

LULU LUAU

Lulu era um cachorro surfista,
surfava como ninguém.
Na onda, voava tão alto,
que parecia flutuar no além.

Todos ficavam intrigados:
como um cachorro fazia aquilo?
É que Lulu era bem diferente,
tinha um rabo de esquilo.

Esse rabo é que fazia a diferença.
Mas quem via perguntava:
É cachorro? É ET? Ou é doença?
Até que algo abalou essa crença.

Lulu estava feliz, pronto pra surfar,
quando um garoto começou a se afogar.
Sem vacilar, Lulu improvisou:
esticou seu rabo de esquilo
e, em segundos, salvou o menino.

Ninguém mais estranhou Lulu.
E, quando ele ia surfar,
todo mundo queria admirar.
Deixou de ser “o” cão esquisito
pra virar guarda-vidas no mar.

**(QUEM CONTOU FOI
UM PEIXE-VOADOR, ENTRE
O MAR E O CÉU DA PRAIA
DO ARPOADOR.)**

